

Girando o caleidoscópio: a formação de novas imagens no trabalho de olhar para os dados da pesquisa qualitativa*

Carla da Silva Santana¹
Universidade de Sorocaba (UNISO)

Resumo

Este estudo traz reflexões acerca da tarefa de olhar para os dados da pesquisa qualitativa, especificamente, no que se refere ao uso de entrevistas e narrativas de história oral, utilizando o instrumento caleidoscópio como metáfora para se pensar o trabalho de compreensão de dados. Ainda, toma a diversidade dos elementos como possibilidades múltiplas da formação de novas imagens.

Abstract

This paper discusses the task of making sense of data from a qualitative research, especially as to the use of interviews and oral history narratives. The metaphor of a kaleidoscope is proposed as a means to figure out what is understanding data. In addition, this paper accounts for the diversity of elements as *multiple possibilities of creating new images.*

^{*} Rotating the kaleidoscope: the formation of new images in the task of looking at for the data of the qualitative research

¹ Docente e pesquisadora. Endereço para correspondências: Rua do Pelourinho, 26, Nova Piracicaba, 13405-167, Piracicaba, SP (E-mail: carla.santana@uniso.br).

Palavras-chave: Análise de dados, pesquisa qualitativa, narrativa, caleidoscópio.

Keywords: Data analysis, qualitative research, narrative, kaleidoscope.

Introdução

Na pesquisa qualitativa, uma das tarefas mais difíceis é chegar à etapa de compreensão dos dados com o menor desgaste possível. Muitos são os motivos que levam a esmorecer nessa etapa, podendo ser o exaustivo trabalho de campo ou a pouca definição das etapas de organização e análise de dados. Este artigo não tem a intenção de oferecer um roteiro de análise de dados, mas sim algumas reflexões sobre a tarefa de olhar para o dado colhido.

Uma obra aberta comporta muitos olhares, e sempre fica a impressão de inacabamento ou de não-contemplação dos muitos dizeres dos sujeitos em suas falas. Isso prova que, de fato, não há esgotamento do tema de pesquisa em si, o que nem seria possível, até porque não se trabalha com verdades absolutas, estagnadas. O dinamismo e a possibilidade de aproximação com a realidade ali apresentada traz todo o encantamento do estudo, que é finito, como trabalho acadêmico, de pesquisa. É sempre um recorte feito no espaço-tempo e pretende apenas um novo olhar que interroga determinado tema.

Trabalho com narrativas: a escuta como escolha

Na perspectiva de pesquisa qualitativa, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Segundo Lüdke e André (1986), é importante estar atento ao caráter de interação que permeia a entrevista, pois a relação que se cria é de troca, devendo haver uma atmosfera de influências recíprocas entre quem pergunta e quem responde.

A entrevista poder ser entendida como a primeira possibilidade dialógica com o sujeito da pesquisa. Na perspectiva teórico-metodológica, há de se compreender que método e teoria se interdependem e se significam. O caminho (a metodologia) escolhido para conhecer o outro já pressupõe uma forma de ver o mundo. Nesse sentido, entrevistar (o procedimento) significa acolher a fala do outro e oferecer a escuta.

Esse exercício dialógico é sempre permeado de tensão, pois essa dinâmica de inscrever o outro em nosso universo de questões exige a tarefa de não reduzi-lo em sua objectualidade, a fim de que se possa ouvir a sua voz.

O primeiro convite ao leitor está na direção de pensar o outro em situação de sujeito pesquisado. O outro aqui, *a priori*, é o interlocutor do pesquisador, aquele a quem ele se dirige em situação de campo (que pode ser o mais diverso possível) e de quem ele fala em seu texto. Amorim (2001, p. 12) chama a atenção para o fato de que “[...] do outro lado, há um sujeito que fala e produz... Não há escrita criadora sem alteridade entre autor e locutor. Trata-se da distinção fundamental entre aquele que escreve e aquele que está escrito”.

A pesquisa é sempre a busca do encontro com outro. Para a autora, “[...] não há trabalho de campo que não vise ao encontro com um outro, que não busque um interlocutor” (Idem, p.16). O que motiva a prática da pesquisa são inquietações internas acerca de determinada temática e, por si, só podemos considerar o imbricamento entre aquilo que pertence ao sujeito pesquisador e a realidade que lhe é posta e o mobiliza, por isso, esse imbricamento aparece-lhe como um problema de pesquisa.

Assim, cada momento de encontro, de fala e escuta é único, acontece ali uma interação entre o entrevistador e o entrevistado, a qual ocorre diferenciadamente para cada indivíduo, uma vez que se lida com pessoas diferentes, em ambientes diversificados, e esse momento de partilha e descobertas é singular. Dessa forma, o resultado dessa interação é único em cada momento. Para Bleger (1974, p.20), “Cada situação humana é sempre original e única; portanto, a entrevista também o é. [...] Esta originalidade de cada sucesso não impede o estabelecimento de constantes gerais, a saber, das condições que se repetem com mais frequência”.

Trabalhar com narrativas é sempre um convite ao mergulho na história do outro. A experiência comporta um trabalho de elaboração que é vivido, cujo sentido se completa ao ser comunicado, transmitido. A elaboração e a transmissão da experiência integram-se na tradição oral das narrativas, que se consolida num tempo lento, atravessado pelos sucessivos atos de narrar, por meio dos quais a experiência sedimenta-se (SCHMIDT, 1991). Com base no pensamento de Benjamin (1936 apud SCHMIDT, 1991), pode-se considerar, num certo sentido, a narrativa uma forma artesanal de comunicação, em que a matéria-prima trabalhada é a experiência: do narrador, que mergulha na coisa narrada.

na sua própria vida, para, em seguida, transmiti-la, e do ouvinte, que assimila a coisa narrada à sua própria experiência. Mediante as narrativas, pode-se identificar o aspecto vivencial de cada sujeito, que é único e, por isso, uma experiência singular.

Segundo Schmidt (1990), é na tradição oral que circulam as narrativas, desde os tempos mais antigos, que se constituem numa espécie de “recolhedor da experiência coletiva”, e referem-se a dois aspectos importantes:

[...] o primeiro diz respeito à comutação dos lugares de ouvinte e narrador, tendo como fundamento a experiência. A tradição dos relatos encerra “os critérios que definem uma tríplice competência – saber-dizer, saber-ouvir, saber-fazer – em que se exercem as relações da comunidade consigo mesma e com os que a cerca. [...]” O segundo aspecto refere-se ao modo como as narrativas se apresentam, tanto em sua dimensão utilitária quanto em sua dimensão fantástica (p.06).

Segundo a autora, a narrativa insinua um saber que só se desvela no trabalho de recepção e interpretação do ouvinte, ou seja, o ensinamento só é ensinamento, à medida que é acolhido pela experiência do ouvinte, pois, fazendo circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o que é vivido e sua reflexão sobre ele, a comunicação oral conecta cada um à sua experiência, à do outro e à do antepassado, amalgamando o pessoal e o coletivo. Schmidt sugere que, como resultado de um trabalho coletivo cujo tempo consumido não conta, a narrativa acolhe a sabedoria e a existência vivida, naquilo que tem de essencial e inesquecível. Inserida na tradição oral, sua permanência no mundo depende da presença de uma comunidade de ouvintes e de um narrador que, como sugere Benjamin (1936), teria como tarefa “[...] trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único” (apud SCHMIDT, 1991, p.212).

A importância da questão da narrativa como escolha de procedimento de coleta de dados dá-se, à medida que tal instrumento confere ao sujeito narrador um lugar de destaque nesse momento de encontro.

Ele é o ator principal dessa fala, diferentemente de o que ocorre na utilização de questionários e em entrevistas com perguntas fechadas ou dirigidas, feitas pelo pesquisador, quando o sujeito entra no universo de questões do pesquisador, de forma mais passiva. Não que haja algum problema com esses instrumentos de coleta de dados, ao contrário, eles se aplicam a determinados estudos. Chama-se a atenção para a medida na qual a utilização de alguns métodos, técnicas e projetos dá-se no sentido de se pensar como tratam a questão da alteridade. Na prática, como tratar o outro, como encontrá-lo, como fazê-lo falar, como se fazer ouvir, como compreendê-lo, como traduzi-lo, como influenciá-lo ou como se deixar influenciar por ele são questões que permeiam, a todo instante, o pesquisador. Para essas perguntas, não há regras, nem método. Há de se pensar que existem dois tipos de diálogo: aquele que o pesquisador deve fazer com o sujeito colaborador, daí vem a necessidade de estabelecer de fato uma relação dialógica, e aquele que o pesquisador estabelece com a comunidade científica, na qual a comunicação é feita com seus pares, em geral, de forma monológica.

Estamos num momento em que a academia brasileira redescobre a oralidade e suas técnicas de registro e análise vão muito além da realização de entrevistas. Bom Meihy (1996) refere que a história oral, como tributária da história pública, remete-se ao leitor comum, vigorando o princípio que privilegia o social como alvo do conhecimento. Isso ocorre, porque, no Brasil, segmentos da população têm sido contemplados apenas pela documentação externa, produzida “sobre” eles, e pela história oral. Principalmente idosos, indígenas, negros, desempregados, migrantes e imigrantes, exilados e tantas outras minorias silenciadas têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias. Assim, qualquer nova proposta que se oriente no sentido de cortar o caminho disposto pelo “outro” mostra-se digna de consideração.

Considerando-se essa breve exposição, este estudo discute a análise de dados no contexto das narrativas de história oral, usando a metáfora do caleidoscópio, como possibilidade de trabalho com fragmentos, entretanto, não é um roteiro para qualquer tipo de estudo. Mesmo assim, como a proposta aqui é refletir sobre a compreensão do dado da pesquisa, fica sugerida a aplicação daquilo que pode ser comum a essa e outras trajetórias de pesquisa.

Diálogo com o outro: a questão da verdade

A busca de encontro com o outro em situação de pesquisa abriga questões de alteridade, de diferenças, de diversidade. Alteridade é característica de o que é outro e opõe-se à identidade (LALANDE, 2001), mas, ao mesmo tempo, abarca a busca pela reflexividade do pesquisador, do si mesmo. Por isso, é sempre paradoxal. Tencionamos dar voz às minorias ou tomamos partido de determinada causa e, ao mesmo tempo, objectualizamos o nosso outro, reduzimo-lo simbolicamente a objeto de estudo. Daí, no entorno dessa viagem, vem a possibilidade de confronto (sempre) e, conseqüentemente, de encontro.

Segundo Demo (2001), o diálogo é fala contrária, entre atores que se encontram e se defrontam. Não se restringe a conversa, mas é sobretudo comunicação, com todos os seus riscos e desafios: “Pesquisar assim é sempre também dialogar, no sentido específico de produzir conhecimento do outro para si e de si para o outro” (p. 39). Contudo, nem sempre, no contexto da pesquisa, há possibilidade de encontro com esse outro. Muitas vezes, não há diálogos com o outro, mas sim monólogos, em que a pessoa do pesquisador infere o seu olhar analítico, crítico, classificatório e reducionista ao seu outro, agora objectualizado, tornado objeto de estudo. Às vezes, não há comunicação com o sujeito colaborador, mas sim do pesquisador com os seus pares, com a comunidade científica.

O olhar que interroga

Na busca de novas imagens para se pensar essa dinâmica teia de inter-relações, que se constrói e é construída e que, aos poucos, vai-se estabelecendo com o sentido daquilo que foi anteriormente problematizado, aventado como objetivo de estudo, encontrou-se, na metáfora do caleidoscópio, um meio de vislumbrar arranjos de desenhos inusitados e significativos. Esses desenhos auxiliariam na compreensão de o que está servindo de amálgama nas possíveis relações que se estabelecem na história narrada pelos sujeitos. O uso dessa metáfora está associado ao desejo de ressignificar o olhar, ouvir o que dizem essas vozes, nas entrelinhas dos relatos, e tentar estabelecer novas e inesperadas relações, a partir de o que tem sido apresentado, nessa trajetória tão permeada de significações e aprendizagem.

As possíveis combinações dos ditos “fragmentos” (pedaços de vidro e cor – frases ditas e silenciadas) requerem um certo recurso *zoom* na câmera do olho, um aproximar e afastar, para tentar ver o todo e formar uma imagem possível, apoiada num pano de fundo com ingredientes previamente estabelecidos. De forma alguma, ela tenciona ser expressão da verdade ou da totalidade, pois a análise de dados é sempre aproximativa, são possibilidades de verdade, que se reduzem ao sujeito que olha e empresta o seu olhar ao meio que determina as possíveis janelas de onde parte tal olhar. Isso sempre remete a uma velha e contundente questão: a neutralidade do pesquisador.

Não existe neutralidade no lidar com o outro igual. Estar neutro em alguma situação significa ser imparcial, indiferente, e essa condição é ilusória, no que se refere à pesquisa qualitativa, até fantasiosa, pode-se dizer, quando se trata da subjetividade do pesquisador quanto ao seu objeto de estudo. Isso se dá, porque partimos do pressuposto de que há uma identidade entre sujeito e objeto. Minayo (1994) diz que a pesquisa que trabalha com seres humanos tem um substrato comum de identidade entre o objeto pesquisado e o investigador, uma vez que ambos estão ligados por razões culturais, de classe, de faixa etária ou por qualquer outro motivo, e esse elo torna-os solidariamente imbricados e comprometidos. Como refere Lévi-Strauss (1975, p.215): “[...] numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação”.

Paradoxalmente, para as teorias estruturalistas, essa chamada “reflexividade” não aparece tão transparente assim, ao contrário, a leitura que o estruturalismo faz não é de uma reflexividade em relação ao sujeito, mas de estranhamento. Aliás, o sujeito no estruturalismo não tem voz, ele é objeto. Lévi-Strauss (1968 apud AMORIM, 2001, p.69) diz que “[...] toda sociedade diferente da nossa é objeto, todo grupo de nossa própria sociedade ao qual não pertencemos é objeto, todo costume desse mesmo grupo ao qual pertencemos, mas ao qual não aderimos, é objeto”. O pressuposto é de que não haja esse território comum entre o outro e eu, e é nesse território (que não há) que o objetivo e o subjetivo se encontram, é esse o lugar de estranhamento e humanidade comum. No entanto, os princípios fenomenológicos reiteram o imbrincamento entre sujeito e objeto, pressupõem envolvimento pessoal do pesquisador no mundo-vida dos sujeitos da pesquisa.

O sujeito investigador é um ser no tempo-espaço e a sua pesquisa é a manifestação desse ser no mundo. Lüdke e André (1986) atentam para a importância de que, como atividade humana, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Assim, o trabalho do pesquisador vem carregado e comprometido com todas as suas peculiaridades, inclusive com as suas definições políticas. Dessa forma, não há possibilidade de estabelecer separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o que ele estuda, e também os resultados do que ele estuda. Como representante desse tempo-espaço social, o investigador socializa a sua visão do mundo, os pontos de onde parte e os fundamentos que utiliza para estabelecer a sua compreensão.

Segundo André (1995), como o pesquisador é um ser humano, da mesma natureza do seu objeto, as observações e análises serão filtradas pelos seus pontos de vista filosóficos, políticos, ideológicos. Não poderia ser diferente. Quando começa um trabalho de pesquisa, o pesquisador não pode deixar de lado os seus valores, as suas crenças e os seus princípios. Já Deslandes e Assis (2002) consideram que, mesmo admitindo, como Dilthey, que o homem não é estranho a outro homem – condição que nos habilita à interpretação –, não se poderia ingenuamente crer que essa condição universal é suficiente, pois o outro também é um território desconhecido, seja por possuir distintivos que socialmente nos separam (de *status*, de classe, de etnia, de formação cultural e profissional, de capital simbólico), seja pela impossibilidade de ser próprio projeto de uma suposta transferência psíquica. Por outro lado, a semelhança nos dá identidade como parte integrante da coisa e paradoxalmente nos torna estrangeiros, posto estarmos em outra situação, no caso, de pesquisa, com outra possibilidade de interlocução.

Esse fato atenta para a questão ética que permeia a compreensão dos dados. O pesquisador deve estar ciente e sensível a como ele afeta ou pode afetar os dados, evitar produzir tendenciosidades e falsas verdades. Identificar o que pertence à subjetividade do pesquisador traduz-se como um cuidado com o outro, na tarefa de analisar os dados. O registro no caderno de campo é importante meio pelo qual emoções, sentimentos, contrariedades e toda sorte de impacto sofrido (e percebido) no ambiente de pesquisa podem ser identificados, podendo posteriormente ser revisitados e passíveis de reflexão.

Para Critelli (1996), o investigador é a testemunha daquilo que lhe é revelado (como dado), mas não exerce o papel de mero receptor de uma mensagem, ele é o seu co-elaborador. Ele é a possibilidade desse algo se mostrar. A função comunicativa da fala exhibe a condição em que algo é desocultado – a coexistência. Para essa autora, há simultaneidade entre o desvelamento/revelação de algo e de nós mesmos como compreensores:

Cada vez que algo é trazido à luz (compreendido) por alguém, este alguém nasce junto (outra vez) com aquilo que compreendeu. Portanto, nasce/vem-a-ser junto com o que através dele veio ao mundo (Ibid., p.79).

Todavia, os dados não se revelam diretamente aos olhos do investigador. Eles são gestados, processados a partir do impacto causado nele. Pesquisador e objeto coexistem e revelam-se ao mundo pela pesquisa.

O caleidoscópio

Instrumento que também contém sobras e pedaços por meio dos quais se realizam arranjos estruturais. Os fragmentos são obtidos num processo de quebra e destruição, em si mesmo contingente, mas sob a condição de que seus produtos ofereçam entre si certas homologias: de tamanho, de vivacidade de cor, de transparência. Eles não têm mais um ser próprio em relação aos objetos manufaturados que falavam uma “linguagem” da qual se tornaram os restos indefiníveis; mais sob um outro aspecto, devem tê-lo suficientemente para participar de maneira útil da formação de um ser de tipo novo: este consiste em arranjos nos quais, por um jogo de espelhos, os reflexos equivalem a objetos, vale dizer, nos quais signos assumem o lugar de coisas significadas (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.52).

Ao se lançar um olhar sobre determinado tema, sob a ótica do caleidoscópio, algo novo apresenta-se: a mudança. O novo aparece a partir da mudança, das possíveis combinações dos fragmentos, como resultado do movimento. Se movimentarmos o corpo para olhar o caleidoscópio, será possível ter muitos pontos de vista e variadas imagens.

Se movimentarmos o caleidoscópio, então, será possível obter infinitas imagens. Um movimento depende do outro, são complementares e interagem. Se somente um dos lados se movimentar, chegará um momento em que todas as combinações já foram vistas. Um novo ciclo terá de começar. Se só o caleidoscópio for movimentado, haverá muitas imagens novas a cada instante, mas o observador não terá vida. Assim, criar algo novo exige um olhar sensível, para a questão da interdependência entre observador e observado. O novo desvela-se a partir da quebra e da destruição de pressupostos anteriores e remete ao confronto daquilo que se revela com os nossos modos característicos de pensar, muitas vezes, tão resistentes quanto permeados de preconceitos.

O caleidoscópio é um instrumento que traduz um espaço dinâmico, no qual a imagem se constrói na diversidade de seus elementos: fragmentos de diversas cores, formas e tamanho. A metáfora do caleidoscópio permite formar uma rede de relações e informações cada vez mais amplas entre os dados percebidos e revelados, na tarefa de aproximação com o sujeito que se revela, e com o olhar que o interroga, permitindo troca de idéias e comutação de experiências. Uma conversa entre esses elementos permitirá a formação de novas imagens.

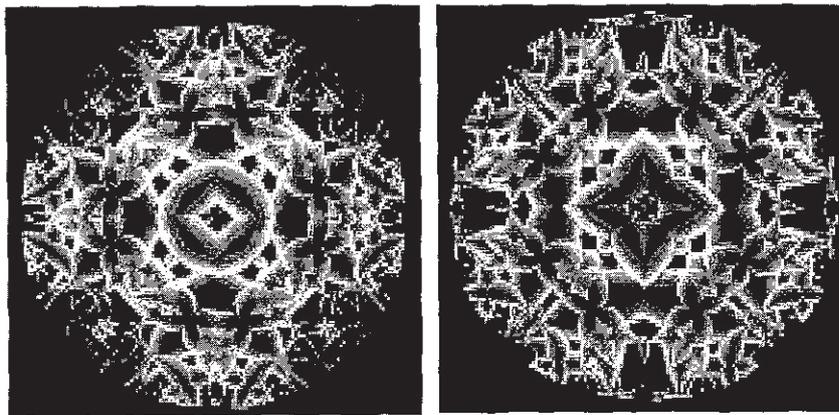


Figura 1: Imagens caleidoscópicas

Fonte: Disponível em: <<http://wwwcaleidoscopios/index.html>>. Acesso em: abr. 2004.

A diversidade dos elementos

O encontro com o outro em situação de pesquisa acontece numa perspectiva de múltiplos aspectos. O primeiro diz respeito ao fato de que todo objeto de pesquisa é construído e não imediatamente posto. Na dinâmica provocativa sobre o pesquisador, engendra, nesse ínterim, o estabelecimento de lugares: o de sujeito pesquisado e de pesquisador. Segundo Amorim (2001), pôr esse sujeito no lugar de objeto de estudo instaura entre o sujeito cognoscente e o sujeito a conhecer uma relação de alteridade fundamental, que emerge de uma diferença de lugar na construção do saber: “O outro se torna estrangeiro para que eu possa estudá-lo” (Ibid., p.31). Eis aí o primeiro fragmento: os lugares.

É preciso ressaltar o fato de, nesse tipo de pesquisa, estar-se lidando com a multiplicidade dos grupos, com a pluralidade de elementos diversos, que coexistem nas histórias de vida desses sujeitos, que, ao mesmo tempo, tanto pertencem ao universo individual quanto à esfera coletiva. São pessoas com histórias e trajetórias de vidas diferenciadas, e isso já abre um enorme leque de possibilidades de compreensão, o que poderia trazer alargamento do espaço teórico possível, como substrato que dará referência nessa tarefa de olhar para os dados. O segundo fragmento é a diversidade.

Por mais que estabeleçamos determinadas categorias que facilitem e possibilitem a tarefa de organização metodológica da análise, esse trabalho não passa de uma organização previamente determinada (e necessária), mas é preciso não perder de vista que os dados se revelam, independentemente daquilo que nos prestamos a ver, ou seja, sobre o eixo temático principal da pesquisa perpassam eixos secundários, muitas vezes, não delimitados anteriormente, mas construídos ao longo do trabalho de organização dos dados. Mesmo que busquemos padrões de comportamentos e aspectos comuns aos sujeitos, quer estejam relacionados ao gênero, à faixa etária, ao meio socioeconômico do qual a pessoa participa, à escolaridade, dentre outros, é preciso levar em conta que a tarefa de compreensão, ao mesmo tempo em que se objetiva, para que não percamos de vista aquilo que nos propomos a ver objetivamente, também se alarga, a partir do fato de estarmos lidando com sujeitos originais, singulares e heterogêneos como seres. Nesse sentido, o entendimento do dado é construído.

Isso se refere à possibilidade de reunir um maior número de elementos para a tarefa de compreensão, tanto as características comuns quanto as mais inesperadas possíveis. São vieses que se criam nesse grande encadeamento de possibilidades. Faz-se mister um olhar diferenciado para cada sujeito, para cada grupo, uma vez que a dinâmica da tarefa de olhar para determinados dados de pesquisa se constrói pela diversidade. É claro que, se estivermos lidando com um grupo mais homogêneo de sujeitos, todos do meio rural ou do meio urbano, casados ou solteiros, todos homens ou mulheres, talvez encontremos certa linearidade de características ligadas estruturalmente a esses grupos, mas, de forma alguma, estaríamos garantindo um modo diferenciado e único de apreender o sentido daquilo que nos é mostrado. Talvez a linearidade garanta constância mais geral de dados, recorte mais aproximado, mas, nem por isso, haveria uma forma que garantisse captura de o que se poderia chamar de significação verdadeira.

Outro aspecto importante a saber é que toda reflexão se inscreve num sistema teórico. Pode-se dizer teórico-metodológico, pois a fundamentação teórica também é atravessada pelas questões metodológicas da pesquisa. Elas coexistem e se significam. Cabe aí a reflexão acerca do homem como objeto de estudos das Ciências Humanas. Não é o homem como objeto propriamente dito, mas a forma pela qual se inscreve esse homem no seio de um arcabouço teórico, pois a singularidade e a subjetividade dele como sujeito permitem que esse homem possa ser objeto das Ciências Humanas, assim como da anatomia, da fisiologia, da psicologia experimental. São os “caminhos do pensamento” que farão o papel fundamental na compreensão da janela pela qual se olha para esse sujeito.

Muitas vezes, a fundamentação do estudo acaba constringendo a reflexão proposta, principalmente pelo fato de ele apresentar uma noção sincrética da teorização. Não obstante, é possível oportunizar o diálogo com as mais variadas teorias, porém, o conhecimento acerca delas possibilita a identificação de onde parte esse “olhar”. São os pressupostos teóricos que permeiam determinado pensamento e, ao contrário do que se possa pensar, o referencial teórico-metodológico não deve engessar a compreensão do tema, mas se traduzir em liberdade. A fundamentação teórica aliada aos procedimentos, à voz que se dá ao sujeito estudado e à possibilidade de diálogo com ele configura-se nos fios que dão identidade a essa tra-

ma. No caso deste ensaio, o uso de teóricos controversos, baseados na teoria estruturalista, acaba entrando em oposição com o referencial fenomenológico, no qual este estudo se fundamenta. No entanto, o convite à leitura do referencial teórico não se faz tão-somente pelos autores, mas também pelo espaço e pela voz que são dados a esse sujeito. Por isso, cabe a tentativa de oferecer um instrumento (o caleidoscópio) que traduz em instância primeira a pluralidade, a possibilidade de reunião dos ditos fragmentos (que sozinhos são somente fragmentos), para compor uma única imagem, o novo. Outra vez, trata-se de pensar de maneira plural, de modo que não se perca “a janela da qual se olha”, mas também que não se vire refém da teoria. Daí vem o engessamento.

A definição da literatura que servirá de pano de fundo ao eixo temático principal é bastante importante, sobretudo, para nortear de qual janela olha o observador, e também serve de apoio para a discussão do tema. É preciso ter em mente que a reflexão sobre os dados deve ser feita sabendo-se que eles não existem por si. Eles são construídos a partir de um questionamento que fazemos, com base na fundamentação teórica. Isso implica, mediante leitura cuidadosa e repetida dos textos, tentar estabelecer interrogações, a fim de que se possa identificar o que é impactante nesse olhar para os dados, o que salta aos olhos, partindo-se dos objetivos de pesquisa que foram traçados anteriormente.

O objeto de estudo pode constituir-se e revelar-se a partir do momento em que se vai ao campo de pesquisa, pois só assim será possível aproximação com os sujeitos, parceiros de pesquisa, e conhecimento da realidade em que vivem, tanto no que se refere ao ambiente em que circulam como também ao espaço social por eles habitado. Muitas vezes, aparecerão dados não esperados nos depoimentos, o que possibilita novo olhar ao que perpassa o eixo temático principal e que gradativamente mapeia o campo de abordagem.

A reeducação do olhar

Muitas vezes, colocamo-nos em oposição ao nosso olhar. Questionamo-nos se seremos capazes de compreender, no sentido mais restrito que seja, aquilo que vemos e ouvimos, ao menos alguma coisa do que esses sujeitos tentam dizer. Repetidas vezes, eu pensava no que seria necessário para enxergar ao menos o óbvio nos relatos que ouvia, nas expressões que os sujeitos usavam e em toda sorte de mímicas e signos que a linguagem possibilitava de recurso. Será que bastava abrir os olhos?

Bosi (1988, p.67) traz a idéia básica da teoria de Epicuro e Lucrecio, acerca do olhar que dizia: “[...] para conhecer basta abrir bem os olhos em um espaço iluminado e acolher os levíssimos e agílimos ícones do mundo”. Que espaço iluminado seria esse? Talvez estivesse falando que “espaço iluminado” fosse aquele repleto de transparência, translúcido, em que se fosse capaz de enxergar o outro, sem preconceitos, pressa ou segundas intenções. Talvez, isso fosse possível numa tentativa de escuta ao menos esvaziada e, assim, fôssemos capazes de nos inundar com as histórias desses sujeitos. Contudo, nossa percepção nunca é vazia. Por mais que tentemos, seria impossível abandonar velhos conceitos e hipóteses, mesmo os relacionados com a pesquisa, ainda mais aqueles compromissados com a vida. Há fruição de vida em tudo isso. Em nós, pesquisadores, no objeto de pesquisa, cuja objectualidade tentamos suprimir para conseguir nos aproximar de uma dimensão mais humana do sujeito colaborador. Seria preciso esvaziar e reprogramar o olhar, tirar as lentes antigas e enxergar apenas com os olhos, sem lentes, nem de aproximação, nem de afastamento.

Bosi (1988, p.77) revela que:

[...] esse novo olhar é o que desde sempre exprime e reconhece forças e estados internos, tanto no próprio sujeito, que deste modo se revela, quanto no outro, com o qual o sujeito entretém uma relação compreensiva. A percepção do outro depende da leitura dos seus fenômenos expressivos, dos quais o olhar é o mais prenhe de significações.

Olhar para o sujeito que se revela é também se deparar com os nossos medos, com as nossas verdades e mentiras, tão bem guardadas, e, num espelho refletido, aprender, nessa relação de co-educação. Nessa condição de aprendiz, vamos aprendendo que, naqueles momentos de escuta, de convivência, aprendemos principalmente a olhar além de nós mesmos. O conhecimento é também produzido na experiência do conviver, do recontar, do recordar e tornar a passar pelo coração.

O olhar sobre os dados da pesquisa é constituído por impressões despertadas a partir dos relatos dos sujeitos. Os dados contidos nos relatos coletados são articulados com as idéias fundamentadas no referencial teórico, cuidando-se para não buscar nos autores tão-somente

algo que explique os depoimentos ou utilizar os depoimentos como forma de exemplificação da teoria. Esses dados têm o seu valor por si. É preciso ouvir o que os narradores dizem, exercitar a escuta. Os temas surgem a partir do impacto causado no pesquisador, das relações com os objetivos a que tal estudo havia se proposto, daquilo que é comum nos relatos dos sujeitos e do que é singular na experiência contada de cada um e, também, de onde esses relatos se diferenciam (os diferentes fragmentos da imagem).

O olhar sobre os dados, segundo Critelli (1996), não pode ser compreendido como um olhar individual, mesmo que se trate do ver de um certo indivíduo. O que compõe o olhar individual já é, ontologicamente, a coexistência, ou seja, a pluralidade. Segundo essa autora, a fenomenologia tem várias maneiras de permitir, concreta e operacionalmente, a aproximação e a interpretação do real. A analítica do sentido não é tão-somente uma articulação metodológica de aproximação e interpretação do real, mas uma via que se abre para se pensar o próprio existir e ser no mundo, em sua historicidade. O que a compõe é mais uma orientação referente aos paradigmas que constituem o olhar que vê a manifestação do que se busca. Segundo a autora, a interpretação do real não é uma façanha lógico-conceitual, mas sim uma possibilidade de compreensão. O olhar fenomenológico só empreende desvelamentos, cuja paragem é o *inaudito*, que exige daquele que olha a coragem da aventura.

Significando as falas: as contribuições das histórias que não têm fim

Na maioria das vezes, chegamos ao fim do trabalho de pesquisa com a impressão de término do tempo e confrontamo-nos com a finitude de um processo. O trabalho acaba, porque o tempo determinado para concluí-lo se esvai de fato, mas isso não implica esgotamento do tema ou das possibilidades levantadas ao longo desse percurso. Longe de serem conclusivas, as análises são apenas provisórias e aproximadas. As possibilidades estão aí, colocando-nos diante de histórias que não têm termo, que não se limitam ao recorte da pesquisa acadêmica.

Sendo assim, um trabalho tem caráter reflexivo e sua intenção, além de contribuir com a produção do conhecimento científico nas mais variadas áreas do conhecimento, é sensibilizar o leitor acadêmico e estar acessível a um público mais amplo, que contemple todos os que estão, de alguma forma, envolvidos em trabalhos com os sujeitos pesquisados.

O valor da análise possível para aquele que empresta o seu olhar é contribuir de alguma maneira com a vida dessas e de outras pessoas.

Uma última consideração impõe-se. Utilizar a metáfora do caleidoscópio como proposta de compreensão das inúmeras falas do sujeitos nos relatos das entrevistas remete às seguintes proposições: 1) A pesquisa é sempre um encontro, em primeira instância, com o sujeito colaborador e, em segunda, com a comunidade científica; 2) O encontro com o sujeito, de fala, escuta e escrita, pressupõe diálogo; 3) Compreender não deve excluir a possibilidade de mudança de seu próprio ponto de vista. O ato de compreensão supõe um combate no qual o que está em jogo reside numa modificação e num enriquecimento recíprocos (BAKHTIN apud AMORIM, 2001); 4) Trabalhar na perspectiva da diversidade é a possibilidade de comungação dos diferentes elementos, sem fragmentá-los. Pressupõe um olhar plural; 5) O referencial teórico-metodológico permite diálogo entre as diversas teorias, não obstante, deve-se ter claro que os pressupostos teóricos dão sentido a um determinado olhar, e essa teoria está além da empatia temática. A abrangência repousa nos limites de seu próprio quadro de compreensão.

O objeto das Ciências Humanas não é dado de modo imediato, é sempre construído, recolhido e transmitido em discurso (quer nas narrativas de história oral, quer escrito em texto), o que lhe confere seu caráter caleidoscópico. Ele é o próprio discurso e, como tal, não há transparência possível.

Referências bibliográficas

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

BLEGER, J. *Temas de psicologia*. 4. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

BOM MEIHY, J. C. S. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. et.al. *O olhar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1988. p. 65-87.

CRITELLI, D. M. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996.

Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, n.36, p.407-423, outubro de 2004

DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DESLANDES, S. F. e ASSIS, S. G. Abordagens quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

LALANDE, A. Vocabulaire technique et critique de la philosophie. In: AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus, 1989. Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar.

LÉVI-STRAUSS, C. Aula Inaugural. In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p.211-244.

LÉVI-STRAUSS, C. Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. *Sociologie et anthropologie*, Paris, PUF, 1968.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte. In: DESLANDES, S. F.; NETO, Otávio C.; GOMES, Romeu; MINAYO, M. C. de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SCHMIDT, M. L. S. *A experiência da psicologia na comunicação de massa*. 1990. 212p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHMIDT, M. L. S. Da vivência do isolamento à experiência compartilhada. *Boletim – arte, cultura e lazer nos hospitais*, v. 1, n. 2, p.5-7, out.1991. [Separata]

(Recebido em setembro de 2004 e aceito para publicação em abril de 2005)